

BRINCADEIRAS AO SOL: A COLÔNIA MARÍTIMA INFANTIL ÁLVARO GUIÃO (SANTOS, 1939-1942)

*PLAYS IN THE SUN: THE CHILDREN'S
MARITIME COLONY ÁLVARO GUIÃO
(SANTOS, 1939-1942)*

André Dalben 1
Carmen Lúcia Soares 2

Resumo: Em Santos, a invenção da praia como espaço de repouso, cura e divertimento foi acompanhada pela inauguração de hotéis, cassinos e clubes. Entre 1939 e 1942, o edifício de um cassino passou a abrigar uma colônia de férias infantil organizada pelo Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. O artigo analisou os discursos empreendidos pelos dirigentes da instituição e o seu cotidiano, especialmente no que se refere a sua rotina composta um variado conjunto de atividades que compreendiam banhos de sol e de mar, exercícios físicos, jogos, brincadeiras e gincanas nas areias da praia e no mar. As fontes se constituíram de relatórios oficiais, revistas especializadas em educação física, jornais e fotografias. Nas linhas e entre linhas, nas imagens e nos silêncios de nossas fontes foi possível apreender não apenas disciplina e rigor, mas, também alegria, contentamento e aventura de corpos infantis em meio a paisagem marítima.

Palavras-chave: Brincadeiras. História. Colônia de Férias. Educação Física. Natureza.

Abstract: In Santos, the invention of the beach as space for rest, healing and entertainment was accompanied by the opening of hotels, casinos and clubs. Between 1939 and 1942, a casino building housed a children's summer camp (vacation colony) organized by the Department of Physical Education of the State of São Paulo. The article analyzed the speeches undertaken by the institution's leaders and their daily lives, especially with regard to the its routine, consisting of a varied set of activities that included sun and sea bathing, physical exercises, games, gymkhana on the beach and in the sea. The sources are official reports, physical education magazines, newspapers and photographs. In the lines and between the lines, in the images and in the silences of our sources, it was possible to apprehend not only discipline and rigor, but also the joy, contentment and adventure of children's bodies in the midst of the seascape.

Keywords: Games. History. Summer Camp. Physical Education. Nature.

Professor adjunto da (UNIFESP). Mestrado em Educação Física. 1
Doutorado em Educação pela (UNICAMP). Pós-doutor em História pela (PUC-
SP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0743727143543352>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1689-6238>.
E-mail dalben@unifesp.br

Professora titular da (UNICAMP). Mestra em Educação pela (PUC- 2
SP). Doutora em Educação pela (UNICAMP). Pós-doutora em História pela
Universit  de Montpellier III e PUC-SP.   bolsista de produtividade em
pesquisa do CNPq, coordenadora de  rea Ciências Humanas e Sociais - CHS III
(Educa o) - FAPESP. Editora-adjunta da revista Pr -Posi o es.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1196961469104964>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4347-1924>.
E-mail: carmenls@unicamp.br

Introdução

Brincadeiras ao sol certamente ocuparam o extenso litoral brasileiro e, com a orla da cidade de Santos, não foi diferente. Isto porque, esse espaço de natureza recortado entre montanha e mar que se denomina praia, constituindo uma paisagem marítima, nunca foi um território vazio de pessoas, de atividades e de múltiplos usos. O que efetivamente ocorre, são transformações profundas desse espaço de natureza que, lentamente, produzem novas práticas e frequência também inéditas, sobretudo ao final do século XIX, quando um determinado pensamento médico, apoiado por extensos estudos acerca dos benefícios do ar marítimo para a saúde do corpo e males da alma¹, começa a divulgar um conjunto de práticas a serem realizadas à beira mar, e, muito rapidamente, também, no mar. Os novos usos, as inéditas frequências do litoral e, mais amplamente uma evocação de benefícios à saúde por meio de uma vida ao ar livre, expressam uma extensa e profunda transformação na sensibilidade das populações urbanas (SCHOSSLER, 2013; TERRA, 2016; URBAIN, 1994).

Assim, em um tempo longo, é possível inferir que foi no século XVIII que a natureza e seus elementos começaram a ser representadas como benéficos ao corpo individual e, mais amplamente, à sociedade. Uma natureza boa e generosa, lugar de cura e divertimento, vai afirmar-se em fins deste século no âmbito do movimento romântico, ao lado das sínteses presentes na obra de Rousseau, especialmente em, “Emilio” e “Devaneios de um caminhante solitário” (THOMAS, 1988; VILLARET, 1995, 2016, SOARES, 2016). Novas sensibilidades se forjam e são elas que permitem a captura de novas práticas e representações dos usos de espaços de natureza como foi o caso do litoral.

Aceder e aceitar a ideia de que a natureza cura, regenera, educa e acolhe a diversão e a recreação é resultado de um processo conflituoso e bastante complexo, construído a partir de lembranças e esquecimento, crenças religiosas e paixão artística, ciência e saberes populares que a cada época são produzidas, exaltadas, vividas como verdade máxima para, logo em seguida, serem refutadas ou mesmo, abandonadas. Para Lenoble (1969) ideias acerca da natureza exprimem atitudes humanas e não simplesmente a passividade de uma realidade. Em períodos distintos da história, é possível captar transformações profundas dessas atitudes em relação à natureza e seus elementos e elas resultam tanto da carga de um simbolismo religioso, quanto dos dados produzidos pela ciência moderna, ou, ainda, da singela relação dos seres humanos com a terra, o ar, as águas, os astros e as estrelas (SOARES, 2016).

Neste artigo, nos debruçamos sobre as brincadeiras realizadas na praia e sob o sol, portanto, sobre uma prática já carregada de representações positivas tanto da praia quanto do astro rei que, contudo, nem sempre em todos os períodos da história foram assim consideradas. O espaço litorâneo, a praia como lugar de brincadeiras ao sol expressa, portanto, a afirmação desse longo processo de uma certa restauração da natureza e seus elementos como constitutivos de novas sensibilidades em que uma vida ao ar livre se torna necessária. É no âmbito dessas transformações que, muito rapidamente, ocorrem proposições do que se faz ao ar livre, na praia e sob o sol. Estamos diante de uma profunda transformação de sentimentos em que o medo em relação à natureza e seus elementos dá lugar à aventura, ao desejo de conhecer e de interagir com o que fora assustador, indômito por ser desconhecido (CORBIN, 2001; 1989).

Conforme já afirmamos, uma compreensão dos benefícios do litoral e, mais especificamente dos raios solares em relação à saúde das populações urbanas começa a despontar com mais precisão em fins do século XIX a partir de um pensamento médico higienista e, desde então, um conjunto de práticas e de procedimentos, de atitudes e de prescrições passa a atrair a atenção de muitos. A constatação dos benefícios do sol e, mais amplamente da vida ao ar livre, indicam o quanto a natureza e seus elementos se reconfiguram nas mentalidades, o quanto seus usos se modificam para que ela se torne, assim, um lugar de divertimento, de aventura, tanto quanto um dispositivo pedagógico e de saúde (DALBEN, 2014; VILLARET, 2005; 2016; BAUBEROT, 2004; SOARES, 2016).

Desde fins do século XIX, portanto, são inventados lugares que exortam a natureza e seus elementos como promotores de saúde e vigor dos corpos e neles, o sol brilha constan-

¹ No século XVII, Burton, em sua obra “Anatomia da melancolia” (2011), sugeria a existência de um efeito terapêutico sobre a melancolia a partir de caminhadas à beira mar.

temente. Esse foi o caso da Colônia Marítima Infantil Álvaro Guião, inaugurada em dezembro de 1939 cuja sede foi o edifício de um antigo cassino até o ano de 1942, quando mudou de endereço. O artigo objetivou analisar os discursos empreendidos pelos dirigentes da instituição e o seu cotidiano, especialmente no que se refere às brincadeiras, jogos e exercícios físicos realizados na praia e no mar. As fontes empregadas se constituíram de relatórios do DEF-SP, revistas especializadas em educação física, anais de congresso, jornais e fotografias. Os documentos foram levantados nas Coleções Especiais da Biblioteca Prof. Asdrubal Ferreira Batista da Universidade Estadual de Campinas e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Santos, mar, praia, sol e divertimentos: “Vá ao Miramar, indo a Santos, ainda que chova”.

A cidade litorânea de Santos tem sua história econômica profundamente atrelada ao porto. O desenvolvimento do seu centro urbano se intensificou sobretudo na segunda metade do século XIX, com a riqueza proporcionada pela exportação cafeeira. A linha férrea, então construída, possibilitou o rápido escoamento das sacas do café produzido nas fazendas do interior do Estado de São Paulo, as quais seguiam viagem mar adentro. Também pelo mar chegavam levas de imigrantes europeus para trabalhar nas fazendas e o porto e o centro urbano de Santos se tornavam espaços de grande circulação de mercadorias e pessoas (PEREIRA, 1995; MATOS, CARMO, 2019; MELLO, 2019).

O rápido aumento populacional se refletiu na falta de moradias e em insalubres condições de vida. Casarões foram subdivididos para abrigar famílias inteiras e cômodos construídos de forma improvisada em pátios e quintais, sem que sistemas de água, esgoto coleta de lixo ou iluminação fossem implementados. Nas vielas coloniais da cidade era intenso o trânsito de carroças carregadas de café, assim como era grande o número de cocheiras, responsáveis por atrair ratos e outros transmissores de doenças. As praias adjacentes ao centro urbano recebiam toda a sorte de dejetos. As condições se agravavam com a limitada vigilância sanitária dos navios que atracavam no porto, fazendo com que as epidemias fossem constantes e violentas, ao ponto de Santos ser nomeada como porto da morte, maldito ou febril (LOPES, 1974; LANNA, 1996; BLUME, 1998; MATOS, CARMO, 2019; MELLO, 2019).

A grave situação sanitária e a precariedade do porto dificultavam a expansão comercial cafeeira e causavam consideráveis prejuízos econômicos, o que motivou os primeiros estudos, propostas e obras de readequação da cidade e do porto. As alterações se iniciaram no final do século XIX, com a construção do cais no estuário, suprimindo as praias lodosas, até então depositárias de lixo e esgoto (HONORATO, 1996). Tiveram prosseguimento no início do século XX, com a implementação do projeto de saneamento do engenheiro Saturnino de Brito, responsável pela criação de uma rede de esgotos e um sistema de canais a céu aberto, para drenagem das águas pluviais, que cortava toda a ilha onde se localiza Santos (ANDRADE, 2000; BERNARDINI, 2006; MATOS, CARMO, 2019; MELLO, 2019).

Paralelamente ao processo de saneamento, ocorria a expansão da malha urbana para além do centro comercial e portuário. A região das praias, situada em território oposto ao porto na ilha e até então ocupada por poucas chácaras, ganharia novos empreendimentos com a construção de grandes avenidas, implementação de linhas de bonde e dos próprios canais. Essas transformações acolheram um expressivo número de estabelecimentos voltados aos divertimentos, como os grandes hotéis, cassinos, cinemas e clubes sociais e esportivos (MATOS, CARMO, 2019; CARREIRA, 2019). De acordo com Gambeta (1984), o território santista passou a ter suas funções redefinidas: os divertimentos nas praias, o comércio no centro e o transporte de café ao longo do estuário.

Novas representações e usos da praia e do mar também se consolidavam na transição do século XIX para o século XX. Para além de espaços de circulação de mercadorias e pessoas, ou de despejo do lixo e esgoto da cidade, a praia e o mar começaram a ser recomendados por médicos como parte integrante de terapias e novas propostas de divertimentos e sociabilidades foram incorporadas a estes espaços. Segundo Terra (2016), as medidas de saneamento foram acompanhadas por uma produção de fotografias responsáveis por inventar a praia de

Santos enquanto espaço de cura e divertimento. Produzia-se uma nova paisagem ao mesmo tempo que se destruía o estigma sanitário que pairava sobre a cidade. “Aos poucos, a praia vai sendo representada como território do vazio, autônomo, limpo, nítido e, sobretudo, iluminado” (TERRA, 2016, p.230).

Como nos incita a refletir os estudos de Corbin (2001, 1989, 1987), as sensibilidades corporais tem também a sua história própria e são o resultado de um peso cada vez maior da cultura sobre o mundo das sensações imediatas. A descoberta do mar e da praia como fonte de repouso, cura e prazeres, se inscreve neste processo que moldou gradualmente as sensibilidades, aguçando seu refinamento, polindo novos comportamentos e práticas. Em uma longa duração, a praia e o mar se consolidam como lugares em que novas sensações podem ser vividas e novos comportamentos, aceitos. Tem-se ali, o despertar de um certo fascínio e o desejo de estabelecer novas relações com a natureza e com o outro (CORBIN, 1989).

Em Santos, foi na passagem do século XIX para o século XX que uma grande variedade de divertimentos começou a ocupar à beira-mar, sendo constantemente divulgada pela imprensa. Os clubes de remo foram os primeiros a serem fundados. As novas avenidas, longas, largas e retilíneas, se prestaram para o desenvolvimento do ciclismo. O futebol logo ganhou o seu espaço, com a criação de campos próprios para a sua prática. Os grandes hotéis, com seus cassinos, restaurantes, bailes e cinemas, atraíam a atenção de famílias abastadas que desciam a Serra do Mar para se dedicar ao repouso e aos inúmeros divertimentos oferecidos (CARREIRA, 2019; TERRA, 2016).

Figura 1. Cartão-postal do Cassino Recreio Miramar



Fonte: (SANTOS, 2016).

O Cassino Recreio Miramar, inaugurado ainda em 1896, conquistou grande fama e se manteve aberto até 1939. Construído pela Companhia Viação Paulista, que pretendia ampliar o fluxo de passageiros, proporcionou um ambiente de requinte e glamour, oferecendo grande variedade de atividades sociais, como os suntuosos bailes de carnaval, festas beneficentes, sessões de cinema, apresentações de orquestra e artistas. O seu edifício luxuoso e de grandes dimensões localizava-se em uma das avenidas então construídas (a Conselheiro Nébias), próximo à beira-mar. A ampla divulgação feita em jornais da cidade de São Paulo destacava a diversificada gama de divertimentos oferecidos, que iam além daqueles realizados na praia e no mar, ao se valer do slogan “Vá ao Miramar, indo a Santos, ainda que chova”. As imagens das propagandas na imprensa e dos cartões postais do cassino reforçavam a invenção da praia de Santos como local prazenteiro. Os seus salões de festa, assim como seu cineteatro, cassino e rink de patinação foram por décadas ocupados pela alta sociedade paulista. Foi um verdadeiro complexo de divertimentos reservado àqueles que poderiam pagar, ou seja, bem distan-

te da população que habitava o centro comercial e portuário de Santos.

Poucos meses após o encerramento das atividades do Cassino Recreio Miramar, em 1939, o seu edifício foi arrendado pelo Estado de São Paulo e adaptado para receber a colônia de férias infantil idealizada pelo médico Edmundo de Carvalho, quando ocupava o posto de diretor do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo (DEF-SP). Carvalho construiu, ao longo de sua carreira, uma rede de sociabilidades ligada aos campos da educação, da educação física e da assistência infantil, o que o permitiu propor e auxiliar na criação de diversas instituições ao ar livre na cidade de São Paulo durante as décadas de 1920 e 1930 (DALBEN, 2019). Atuou como presidente do Rotary Club de São Paulo entre os anos de 1928 e 1929, quando realizou uma série de articulações políticas para a criação de *playgrounds*, colônias de férias e escolas ao ar livre (MENDES, 1929). Em 1928, por exemplo, se reuniu com o prefeito do Guarujá, cidade vizinha à Santos, para tentar viabilizar a doação de um terreno para construção de uma colônia de férias infantil (NO GUARUJÁ, 1928; A HOMENAGE, 1928).

A sua atuação para a criação de instituições ao ar livre viria a ganhar novas proporções a partir de agosto de 1938, quando assumiu a direção do DEF-SP. O convite para o cargo foi realizado pelo recém-empossado Secretário da Educação e Saúde Pública, Álvaro de Figueiredo Guião, médico formado na Universidade de Genebra, na Suíça, país onde instituições médico-educativas ao ar livre alcançaram grande notoriedade (HELLER, 2003). As reestruturações capitaneadas por Guião, após a instauração do Estado Novo e a nomeação de Adhemar Pereira de Barros como interventor federal, tinham por objetivo colocar em prática um novo projeto de educação física para São Paulo. Novas atribuições legais foram instituídas para o DEF-SP. A partir de então, a repartição passou a promover “a educação física, bem como, através desta, a educação moral e cívica, de todas as crianças e adolescente do Estado de São Paulo” (SÃO PAULO, 1939, p.1). O convite feito à Carvalho para assumir a direção do DEF-SP foi acompanhado por um aumento expressivo no número de funcionários e no orçamento, situação que lhe permitiria pôr em ação os planos de criar um sistema de instituições junto à natureza composto por colônias de férias infantis e escola ao ar livre (DALBEN, 2019).

A Colônia Marítima Infantil Álvaro Guião: “oásis da saúde, jardim aberto aos sonhos infantis, escola de civismo e pátio de educação física”

Figura 2. Colônia Marítima Infantil



Fonte: (1º. CONGRESSO, 1940, p.11).

A inauguração da colônia de férias infantil de Santos ocorreu no dia 08 de dezembro de 1939, com a presença de grande número de autoridades, como os médicos Carvalho e Guião, o prefeito e Leonor Mendes de Barros, esposa do Interventor Federal (INAUGURAÇÃO, 1939). Estavam presentes também trezentas crianças hospedadas no edifício Miramar e enviadas para Santos pela “2ª Região Militar, Cúria Metropolitana, Centro do Professorado Paulista, Parques Infantis da capital e do interior, [além de] escolares da capital e ainda as enviadas pelas municipalidades de Limeira, Campinas, Franca, Araçatuba, Prata, Ribeirão Preto, Sorocaba e São Carlos” (COLONIA, 1939a, p. 5). No dia 17 de dezembro de 1939, nova solenidade de inauguração foi realizada, agora com a presença de Adhemar de Barros que, em homenagem a morte do

Secretário da Educação e Saúde Pública, ocorrida dias antes em um acidente de avião, conferiu o nome de Colônia Marítima Infantil Álvaro Guião (CMIAG) para a instituição (HOMENAGEM, 1939).

De acordo com comunicado do DEF-SP, a instituição se destinava às “crianças de 7 a 12 anos de ambos os sexos que estejam necessitadas, pelas suas condições precárias de saúde, de um regime benéfico de reparação orgânica à beira-mar” (COLONIA, 1939b, p. 4). As instalações adaptadas no edifício Miramar tinham capacidade para receber turmas de até trezentas crianças, as quais permaneciam hospedadas por uma temporada que durava cerca de 15 dias. Apesar de receber crianças de ambos os sexos, meninos e meninas não conviviam na instituição, sendo cada temporada reservada para turmas específicas. O seu funcionamento não se limitava ao verão, admitindo novas turmas durante todo o ano (VIEIRA, 1939b, p. 3).

O DEF-SP periodicamente encaminhava ofício para as prefeituras do interior do Estado de São Paulo solicitando a seleção e envio de crianças para a CMIAG. Segundo noticiado na sua inauguração, “a seleção dessas crianças obedeceu ao critério da maior debilidade física, tendo entrado em colaboração para isso o corpo médico do Departamento de Educação Física, o Departamento de Saúde Pública e a Diretoria de Saúde Escolar” (COLONIA, 1939a, p. 5). Enquanto instituição médico-educativa, exames antropométricos eram realizados antes e depois das viagens, sendo o aumento de peso o índice empregado para avaliar a efetividade da permanência na instituição para a saúde das crianças.

A colônia de férias infantil foi definida, em comunicado do DEF-SP, como “o oásis da saúde, o jardim aberto aos sonhos infantis, a escola de civismo e o pátio de educação física” (COLONIA, 1939b, p. 4). O texto apresentava a instituição como componente de um projeto de educação cívico-patriótica característico da Era Vargas, sobretudo no Estado Novo (HORTA, 1994). A colônia de férias infantil foi denominada como uma “escola de civismo”, na qual a criança aprenderia a amar e admirar o seu país ao conhecer a natureza. Segundo as palavras do comunicado emitido pelo DEF-SP:

O contato com a natureza para a criança amar e admirar o seu país. É preciso que ela sinta desde cedo que o Brasil é Grande, Belo e é Nosso! A educação cívica baseada na consciência do valor de seu povo e de sua terra é que fará a criança compreender o sentido intenso e íntimo da palavra pátria. É por isso que dissemos atrás que a Colônia Marítima Infantil será uma escola de civismo. (COLONIA, 1939b, p. 4)

Conforme analisado por Schama (1996), a natureza é antes de tudo uma construção cultural e a paisagem incorpora sempre memórias e mitos. Uma experiência emocional frente a paisagem só é possível de ocorrer graças aos sentidos e significados que a ela atribuímos. A História possui grande poder em construir memórias e mitos para as paisagens. A natureza, em muitos casos, se transforma na personagem principal das histórias nacionais, as quais procuram por elementos considerados como genuinamente do país para despertar o sentimento patriótico e forjar identidades nacionais. É importante destacar que muitas das crianças recebidas pela colônia de férias infantil eram provenientes de famílias imigrantes, que traziam consigo costumes e valores próprios de seus países de origem. Nesse sentido, a colônia de férias infantil poderia servir para “nacionalizar” as novas gerações, de modo que passassem a compartilhar um único sentimento.

O diretor da CMIAG, o professor de educação física Atagy Herminio de Mello Doin, compreendia que a instituição teria importância também no combate a regionalismos. A ideia era que a colônia de férias, ao reunir crianças de diferentes localidades do estado de São Paulo, com uma grande heterogeneidade cultural, poderia combater os regionalismos em nome da formação de uma identidade comum. Em suas palavras:

Para as colônias convergem crianças de todos os rincões, e trazem das localidades de origem os mais variados costumes e regimes de vida; a princípio, dir-se-ia estar-se distante de um certame em que tomam parte pessoas que pertencem

a outros países, tal a heterogeneidade que se nota. Em pouco tempo este aspecto modifica-se completamente. [...] a colônia contribui grandemente para despertar no espírito desses pequenos seres nobres virtudes como a solidariedade humana, auxílio mútuo, respeito ao semelhante e amor ao próximo, além de dissipar de seus cérebros em formação, uma ideia que tão maleficamente ainda encontra guarida no seio de muitas populações – o regionalismo exclusivista e desintegrador. (DOIN, 1944, p. 19)

Além de “escola de civismo”, a colônia de férias infantil era também definida como um “oásis da saúde”. A sua proposta, nesse sentido, era oferecer “uma vida higiênica e sóbria acrescida dos benefícios do ar puro, sol, movimento e alimentação sadia” (COLONIA, 1939b, p. 4). O ambiente marítimo e os elementos da natureza eram caracterizados como restauradores da saúde e fortificantes do corpo. Alguns discursos, sobre o papel que a CMIAG poderia exercer na saúde infantil, apresentavam uma concepção utilitarista de infância, interpretando-a como o período da vida em que a atuação do Estado deveria ser incisiva para consolidá-la como força produtiva no futuro próximo. Nas palavras do cronista Lellis Vieira, que sempre acompanhava e divulgava as atividades da colônia de férias: “Petizinhos e petizinhas de hoje, que forem raquíticos, caquéticos e minguados serão os brasileiros de aço de amanhã! Muque, bíceps, pé ligeiro, peito largo, ombros grossos, eis o que manipula a Colônia Marítima Infantil do Miramar” (VIEIRA, 1939b, p. 7). A infância era concebida, assim, como instrumento à serviço de projetos econômicos e a colônia de férias infantil como local para fortalecer o corpo infantil pelo contato com a natureza, pelos exercícios físicos e pela alimentação oferecida.

A atenção não recaía somente sob a constituição física das crianças atendidas, preceitos mais amplos de uma educação higiênica também se faziam presentes nos discursos sobre a CMIAG. De acordo com seu diretor, as colônias de férias seriam “verdadeiras escolas de saúde, onde as crianças [...] adquirem hábitos benéficos que muitas vezes seus pais e mestres não procuram inculcar, e que lhes serão utilíssimos em toda sua existência” (DOIN, 1944, p. 19). A aposta era de imergir provisoriamente as crianças em uma vida higiênica modelar, o que, segundo seus administradores, possibilitaria a aprendizagem de exemplos concretos de como deveriam ser os seus hábitos cotidianos. Acreditava-se que os ensinamentos de hábitos de higiene aprendidos ao longo da estadia na instituição poderiam ser transmitidos aos familiares das crianças ao regressarem as suas casas e aos seus demais colegas na escola. Nas palavras de Doin (1944, p. 19-20):

Os efeitos dos benefícios auferidos pelas crianças nas colônias estendem-se aos respectivos ambientes na cidade de origem, refletindo no lar e na escola. As colônias disseminam permanentemente, pelas mais longínquas localidades, ensinamentos úteis: as crianças ao regressarem as suas cidades, impregnadas de novos conhecimentos, em seus lares – entre os pais e irmãozinhos, ou na escola – entre professores e coleguinhas, - ou ainda em quaisquer outros ambientes em que vivam, procuram difundir os hábitos que trouxeram, falar sobre o que viram e aprenderam desde a saída de suas casas até o regresso [...]

O discurso de Doin apresenta um forte teor higienista, com profundas implicações moralizadoras, sendo a colônia de férias infantil concebida como centro irradiador de educação higiênica para toda a sociedade paulista. Enquanto instituição considerada como modelar, a CMIAG recebeu frequentes visitas de políticos, como do casal Adhemar de Barros e Leonor Mendes de Barros, de pediatras, de renomados cientistas e inclusive dos participantes do Congresso Nacional de Saúde Escolar, realizado em abril de 1941 (VISITA, 1940a, 1940b). Importante observar que as colônias de férias infantis foram extensamente debatidas nesse evento, sendo tema central de diversas apresentações, inclusive da realizada por Maria José Mondego de Moraes Barros, chefe do Serviço de Colônias de Férias do DEF-SP. Na ocasião, ela definiu as

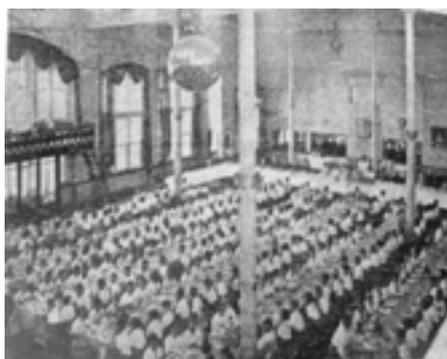
colônias de férias infantis como “instituições máximas para a garantia da saúde infantil”, destacando a importância de contato íntimo com a natureza, especialmente com a luz solar e o ar livre, os exercícios físicos racionais e a formação moral e cívica. Observou ainda que as ações empreendidas pelo DEF-SP eram o resultado de um alinhamento da pasta com o programa de assistência e proteção à criança delineado pelo Interventor Federal (BARROS, 1941).

A constante presença do casal Barros foi de grande importância para o funcionamento da instituição. Leonor foi inclusive apresentada como “madrinha da Colônia” (ALMOÇO, 1940). Além de estar presente na maioria das confraternizações organizadas nos feriados nacionais (como Páscoa, Tiradentes e Natal) sempre as patrocinava com a oferta de donativos para serem entregues às crianças. Adhemar frequentemente acompanhava sua esposa. Na chegada na Estação da Luz da primeira turma de crianças que regressavam de Santos, por exemplo, o casal as aguardava em companhia de Edmundo de Carvalho e outras autoridades (COLONIA, 1940c).

As ações do casal eram acompanhadas de perto pela imprensa, que as divulgava como a personificação da bondade do governante com as crianças, seja em reportagens, crônicas ou fotografias (VIEIRA, 1939a; VISITA, 1940c). De acordo com Torres (2002), a atuação filantrópica das primeiras-damas teve acesso na Era Vargas. Ao relacionar o feminino com a bondade, o cuidado e o amor com as crianças, Leonor Mendes de Barros despontava como uma peça fundamental, não apenas para o pleno funcionamento da CMIAG, como para consolidar e alavancar o capital político do seu marido. A presença frequente da CMIAG nos jornais da época, devido às visitas realizadas pelo casal, tornava a instituição em uma importante vitrine das ações empreendidas pela Intervenção Federal no Estado de São Paulo.

Cotidiano da Colônia Marítima Infantil Álvaro Guião: entre repouso e brincadeiras ao sol

Imagem 3. Refeitório da Colônia Marítima Infantil Álvaro Guião.



Fonte: (AS COLONIAS, 1947, p.22)

Imagem 4. Dormitório da Colônia Marítima Infantil Álvaro Guião.



Fonte: (AS COLONIAS, 1947, p.23)

O edifício do antigo Cassino Recreio Miramar passou por reforma e adaptação para exercer sua nova finalidade de colônia de férias infantil. O seu salão principal se transformou no refeitório, o *cabaret* no dormitório coletivo, até que todas as instalações estivessem prontas para receber as crianças enviadas da capital e das mais diversas cidades do interior paulista pelas ferrovias. A inauguração da instituição foi acompanhada de perto pelo cronista Lellis Vieira que, ao se ater ao passado e presente do edifício, comparou os jogos de azar lá praticados até então com a iniciativa do Estado em transformar o local em um estabelecimento de assistência à criança, produzindo, assim, uma antítese entre o imoral ou pernicioso e o moral ou benéfico. Em suas palavras: “O grandioso edifício que era um lindo ambiente de maravilhas profanas, dancings, pano verde, ‘orelha de sóta’ (como diz o caipira), isto é, baralho, hoje é um templo augusto dedicado à criança, no seu aperfeiçoamento físico, moral, social e patriótico” (VIEIRA, 1939b, p. 3).

Vieira (1939b) desatacou ainda as instalações do edifício e seus mobiliários, oferecendo um panorama das atividades médicas e educativas realizadas na instituição. A rotina médica era garantida pelos dormitórios espaçosos e arejados, equipado com camas para alojar até 300 crianças, pelos chuveiros para a limpeza diária do corpo e pelas espreguiçadeiras para o repouso dos pequenos veranistas. A rotina educativa contava com uma biblioteca para os momentos dedicados à leitura, pátios internos para brinquedos e objetos de lições de coisas para o ensino de história-natural, botânica, química, física e zoologia. O espaço reservado na rotina ao método de ensino intuitivo, que indicava a necessidade de a educação ocorrer pelas coisas e não pelas palavras, propunha que a aprendizagem na colônia de férias infantil fosse realizada a partir da observação e dos sentidos. O cinema do antigo cassino seria agora utilizado para projetar filmes educativos (SESSÃO, 1940, p. 5). Retratos de eminentes cientistas lembravam a importância do conhecimento científico naquele lugar e um soneto de Olavo Bilac materializava discursos patrióticos na parede da colônia de férias infantil, “concitando o amor ao Brasil” (VIEIRA, 1939b, p. 3). Como observado por seu diretor, “os jogos recreativos, os livros, revistas, museu, quadro e cartazes educativos devem ser criteriosamente escolhidos de molde que satisfaça plenamente as finalidades educacionais da colônia” (DOIN, 1944, p.22).

O diretor da CMIAG foi categórico ao defini-la como uma instituição educativa. O aprendizado era realizado a partir da prática, da vida cotidiana instituída pela instituição. O ritmo das atividades era tão importante quanto às ocupações das crianças. Advogava-se por transformações a partir dos preceitos da vida ao ar livre e do pensamento médico-higienista. Ao longo dos dias, as crianças eram submetidas a uma alternância entre refeições e momentos de repouso, entre atividades sociais e exercícios físicos supervisionados.

As atividades se iniciavam às 7 horas, com o café da manhã, seguido por “aulas de educação física na areia, peito nu ao sol, os banhos de mar e de areia, jogos, dança, atividade física em geral” (COLONIA, 1939b, p.4). Ao final das aulas era realizado repouso de meia hora e o almoço servido na sequência. Após o almoço havia um novo período de repouso por mais meia hora, realizado nas espreguiçadeiras, seguido por momento “para as atividades tranquilas em que as crianças grupadas livremente, segundo seu temperamento e inclinações, dedicam-se à leitura de livros e revistas, jogos de salão, música, desenho, trabalhos manuais e recreativos” (COLONIA, 1939b, p. 4). Às 15 horas era servido um lanche da tarde, seguido por “vida ao ar livre, passeios a pé na praia”. Às 18h, o jantar era servido, precedido de novo repouso de meia hora, para que as crianças pudessem então se dedicarem às dramatizações organizadas e realizadas por elas próprias ou assistir ao cinema educativo. Às 20h tomavam banho e seguiam para suas camas no dormitório coletivo (COLONIA, 1939b, p. 4).

Doin, diretor da CMIAG, advogava que a programação diária da instituição deveria comportar uma diversidade grande de atividades recreativas e educativas, como exercícios físicos e jogos, atividades livres, passeios e excursões, banhos de mar e de sol, desenho, modelagem e trabalhos manuais, leituras, “aulas didáticas ministradas sob forma recreativa e de acordo com o programa do ano escolar em que estiverem as crianças, música, declamação, canto, cinema recreativo e educativo, teatro infantil e palestras educacionais” (DOIN, 1944, p.20). É possível afirmar que a colônia de férias infantil era pensada como um complemento da escola, onde seriam vivenciados na prática os seus ensinamentos, sendo a recreação sua principal proposta educativa. As suas práticas recreativas serviam ainda para estudos e observações pedagógicas, tornando a colônia de férias infantil em um campo de experimentações. Esse foi o caso, por exemplo, dos jogos educativos e de praia, recebidos pela CMIAG em 1942, para os quais “foi estabelecido em fichário especial [...], onde vem sendo anotadas as vantagens educativas de cada um e o grau de interesse despertado na criança, segundo a idade” (DEPARTAMENTO, 1942, p. 30).

Ao que tudo indica, entre os exercícios propostos pelos professores de educação física a serem realizados sobre as areias da praia, a ginástica começava a perder espaço para outras práticas corporais que priorizavam não apenas o movimento e o esforço físico, mas também o divertimento e a recreação, ganhando os jogos, os esportes e as danças uma nova dimensão por meio da colônia de férias infantil. No I Congresso Paulista de Educação Física, realizado em 1940, a professora Ermida Vidal Ribeiro questionou:

[...] sabe-se que a maior parte das crianças que vai para as Colônias nunca teve uma aula de ginástica. Perguntamos: será pois de conveniência que se inicie a prática da ginástica pelo método Francês durante essas duas semanas, com uma turma de crianças que nunca recebeu aula de ginástica desse gênero? Mesmo que o método seja racional, tirará a criança grande proveito dessa prática de 15 dias por ano? Talvez explorando a educação física pela parte mais recreativa, jogos, rodas cantadas e com figurações, dancinhas fáceis, se consiga um programa mais conforme com as circunstâncias (RIBEIRO, 1940, p. 85).

Partindo do pressuposto de que as colônias de férias infantis eram consideradas como um ambiente provisório para o restabelecimento corporal e não para o trabalho cotidiano e metódico do corpo infantil, a ginástica não seria a prática mais recomendada, segundo a professora. O DEF-SP atenderia a reivindicação em 1942, introduzindo modificações nos programas da CMIAG, “com a finalidade de torná-los mais eficientes e agradáveis as crianças” (DEPARTAMENTO, 1942, p. 30). A justificativa apresentada era a mesma de Ribeiro (1940), ou seja, de que era possível observar “a inutilidade da ginástica, propriamente dita, numa curta temporalidade de quinze dias com turmas que, na sua maioria, nunca praticaram essa modalidade de exercícios físicos anteriormente (DEPARTAMENTO, 1942, p. 30). Segundo relato do DEF-SP, a substituição da ginástica por jogos livres e organizados, partiu também de uma escuta às crianças que não aceitavam de bom grado os exercícios ginásticos realizados na praia de Santos, preferindo práticas corporais que possibilitassem maior liberdade de ação. Como consequência, a modificação ofereceu “ótimos resultados com a introdução de pequenas competições entre turmas, o que desperta grande entusiasmo mormente entre as crianças maiores” (DEPARTAMENTO, 1942, p. 30). Nesse sentido, a praia de Santos foi considerada como um espaço apropriado para que práticas corporais, que ainda não estavam tão consolidadas na cultura escolar do período, fossem ofertadas diariamente às crianças.

Em algumas ocasiões eram organizadas rotinas comemorativas especiais. Como na páscoa, feriado em que foi realizada uma gincana com corrida de sacos, corrida de três pés, corrida de ovo, jogo de pote, cabra cega, cabo de guerra e pau de sebo. A comemoração foi realizada na praia e no seu encerramento foram distribuídos doces, ovos e coelhinhos (FESTA, 1940a; 1940b). No feriado de Tiradentes foi realizada uma palestra sobre o mártir nacional ao mesmo tempo que um escultor modelava seu rosto em barro. Crianças dos Parques Infantis de Campinas, que estavam em visita a CMIAG, apresentaram uma dramatização de passagens da vida de Tiradentes. Músicas, cantos e contos também fizeram parte da comemoração (CULTO, 1940, p. 12). Já na festa junina, realizada a noite e com uma fogueira acesa no pátio do edifício, houve teatrinhos de bonecos, içamento do mastro de São João Batista, danças típicas, cantos, gincanas, distribuição de doces nas barraquinhas armadas no recinto e queima de fogos na praia (FESTA, 1940c; FESTA, 1940d).

As comemorações eram concebidas como mais um espaço educativo na rotina da colônia de férias infantil. A notícia da realização da festa junina na CMIAG anunciava, por exemplo, que ela tinha um “cunho educativo, interessando às crianças no nosso ‘folk-lore’ e aproveitando toda oportunidade para proporcionar conhecimentos que, pela forma agradável que são transmitidos, mais facilmente serão gravados” (FESTA, 1940c, p. 14). Como se pode observar, a parte recreativa era pensada a partir de conteúdos educacionais, sendo as festividades também concebidas como um momento de aprendizagem. As gincanas, brincadeiras e apresentações artísticas não eram meros passatempos, ganhavam conotações pedagógicas.

As fotografias da CMIAG ilustraram diversas reportagens dos jornais, assim como páginas da Revista Brasileira de Educação Física, publicada a partir de 1944. É possível identificar que algumas fotografias foram tiradas na época que a CMIAG ainda estava sediada no edifício Miramar, ou seja, entre 1939 e 1942. Esse conjunto de fotografias foi um recurso intensamente empregado para criar a imagem da CMIAG como espaço de alegrias, aventuras e divertimentos, sobretudo as imagens que retratavam as crianças a brincar na praia e no mar. Nelas vemos

rostos infantis com largos sorrisos, crianças correndo livremente e com poucas roupas, muitas com o tronco nu, para que a luz solar fizesse sua ação terapêutica sobre a pele. Essa vestimenta agregava, ainda, um componente de liberdade de movimentos e podia-se ver meninos e meninas entregues aos prazeres de brincadeiras realizadas na areia da praia ou a entrar nas águas do mar.

Imagem 5. Colônia Marítima 'Álvaro Guião'



Fonte: (RBEF, p.31, fev. 1944).

Imagem 6. "Os brinquedos de praia, tão do agrado das crianças do interior"



Fonte: (COLÔNIA, 1946).

Imagem 7. O banho de mar



Fonte: (COLONIA, 1946).

As fotografias representavam a CMIAG como um “jardim aberto aos sonhos infantis”, onde as crianças encontrariam momentos alegres e relaxantes junto à natureza e aos demais colegas. Em duas ocasiões, crianças selecionadas nos Parques Infantis de Campinas, e na Escola de Aplicação ao Ar Livre de São Paulo desceram a Serra do Mar para se encontrarem com as demais que já se encontravam hospedadas na CMIAG (COLONIA, 1940a; COLONIA, 1940b; EXCURSÃO, 1940). Criava-se, assim, um sistema interligado de instituições ao ar livre no estado de São Paulo, formado por parques infantis, escola ao ar livre e colônia de férias.

Muito embora os documentos analisados afirmem, em sua maioria, que a seleção das crianças para participar da colônia de férias infantil seguia o critério de maior debilidade física, principalmente no que diz respeito ao peso corporal, é possível que outros critérios tenham sido empregados, uma vez que a seleção ficava frequentemente a cargo dos municípios, escolas e associações filantrópicas. Houve ocasião, por exemplo, que a colônia de férias infantil foi oferecida como um prêmio pela conduta moral da criança. Esse foi o caso do garoto Geraldo, que havia encontrado carteira com elevado valor e devolvido ao seu dono. Como premiação pela sua conduta, foi agraciado com uma viagem para a CMIAG oferecida por Leonor de Barros e noticiada na imprensa (PREMIANDO, 1940). O fato de muitas crianças não conhecerem o mar e a praia, localidades inventadas como plenas de possibilidades de divertimentos, contemplação e repouso, poderia reforçar esse emprego da viagem para a colônia de férias infantil como premiação. Ao que tudo indica também, houve reservas de vagas para grupos infantis específicos, como em fevereiro de 1942, quando quarenta vagas na CMIAG foram oferecidas exclusivamente para filhas de praças do Exército (PERÍODO, 1942, p.15).

A CMIAG manteve intensa atividade até o início do ano de 1942, tendo hospedado cerca de 8.000 crianças advindas de 130 diferentes municípios paulistas (DEPARTAMENTO, 1942). Em janeiro foi transferida para o prédio do Instituto de Pesca, em decorrência de “um pedido do Secretário da Segurança Pública que necessitava com urgência do referido prédio para nele aquartelar um Batalhão da Força Policial, [o que] veio trazer-lhe inúmeros transtornos” (DEPARTAMENTO, 1942, p. 28-29). Nesse mesmo mês, o seu diretor foi afastado do cargo que ocupava. A partir de então, os registros em matérias de jornais começam a rarear. Há indícios de descontinuidades no seu funcionamento a partir de então, tendo se mudado algumas vezes de endereço (DEPARTAMENTO, 1942; REINÍCIO, 1943; COMO SÃO, 1944). Na cidade vizinha à Santos, em São Vicente, foi inaugurado, em 1954, um prédio construído especialmente para o seu funcionamento na Praia de Paranapuã (atual Praia das Vacas) (DEPARTAMENTO, 1955). O último registro localizado sobre o seu funcionamento data de 1958 (SERVIÇO, 1958).

Considerações Finais

Brincadeiras ao sol, exercícios físicos, jogos e mergulhos nas águas salgadas compuseram o tempo de grupos específicos de crianças escolhidas por diferentes critérios e motivações para ocuparem as instalações da Colônia Marítima Infantil Álvaro Guião. Esse conjunto de práticas era, sem dúvida, parte de discursos e prescrições medico-higienistas que viam o espaço litorâneo e seus novos usos como um verdadeiro remédio aos males que assolavam uma população infantil fragilizada pelas precárias condições de vida de parte significativas da população paulista do período. Higiene e moral de um lado, aventura e contentamento de outro. Linhas, entre linhas e imagens de nossas fontes indicam rotinas precisas, horários estritos, aproveitamento do tempo em que aparentemente, tudo deveria ser útil, apresentar finalidades formativas, tanto para o aprendizado escolar em seu sentido estrito, quanto para uma educação cívica de amor à pátria. Mas, elas indicam, também, traços de alegria e contentamento, assombro pela descoberta do desconhecido, pela força das ondas, o gosto do sal, a espuma onde os pés afundam, os desenhos que faz o sol sobre a pele nas diferentes horas do dia, ou, ainda, a observação do sol que desliza no mar ao cair da tarde.

A rotina de encontrar os companheiros e companheiras para o café, as refeições coletivas, as trocas afetivas e camaradagem que também se criam nos momentos de estudo e naqueles de recreio, de repouso, de silêncio. As perguntas do que se lê, do personagem que se representa, das tonalidades de voz que se multiplicam para se fazer ouvir. Analisar esse conjun-

to de práticas realizadas por crianças na praia e no mar nos interpela e nos faz indagar sobre o que efetivamente teriam sentido ao ver e ouvir o mar pela primeira vez, quais emoções teriam sido vividas quando o vento e o sol roçavam a pele, que sensações foram experimentadas com as temperaturas das águas salgadas que, com suas correntes, ora esquentam, ora esfriam o imenso mar. Finalizamos aqui nosso artigo com um convite para permanecer, talvez, nos traços de alegria inscritos nos rostos das crianças que brincavam na praia e buscar compreender não apenas “[...] o continente escuro de nossos medos e de nossos tormentos, [mas] percorrer a extensão infinita de nossas alegrias e de nossos prazeres [...]” (COURTINE, 2017, p.9). Mais do que energia, uma aventura do corpo.

Referências

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes. Santos: canais traçam a história urbana. In: MATOS, Maria Izilda; SOLLER, Maria Angélica (Orgs.). **Cidade em debate**. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

BARROS, M. J. Moraes. Escolas ao ar livre, parques infantis e colônias de férias no desenvolvimento integral da criança. In.: **Congresso Nacional de Saúde Escolar**, 1., 1941, São Paulo. Anais... São Paulo, 1941, p.832.

BAUBEROT, Arnaud. **Histoire du naturisme**: le mythe du retour à la nature. Rennes: Press Universitaires de Rennes, 2004.

BERNARDINI, Sidney Piochi. **Os planos da cidade**: as políticas de intervenção urbana em Santos, de Estevan Fuertes a Saturnino de Brito - 1892-1910. São Carlos, SP: RiMa, 2006.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos. **A moradia da população pobre e a Reforma Urbana em Santos no fim do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

BURTON, Robert. **Anatomia da melancolia**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

CARREIRA, André Luiz Rodrigues. A “religião leiga da classe operária” e os sentidos da cidade: urbanização, trabalho e futebol na cidade de Santos (1892-1920). In.: FARIA, Luiz Henrique Portela; PEREIRA, Maria Aparecida Franco (Orgs.). **Santos na modernidade capitalista (1870-1930)**: novas abordagens e releituras de velhas fontes. São Paulo: e-Manuscrito, 2019, p.1-82.

CORBIN, Alain. **L'homme dans le paysage**. Paris: Gallimard, 2001.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CORBIN, Alain. **Território do vazio**: a praia no imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COURTINE, Jean-Jacques. Introduction: l'empire des émotions. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **Histoire des émotions**. De la fin du XIXème siècle à nos jours, v. 3. Paris: Seuil, 2017, p.5-9.

DALBEN, André. **Mais do que energia, uma aventura do corpo**: as colônias de férias escolares na América do Sul (1882-1950). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2014.

DALBEN, André. Escola de Aplicação ao Ar Livre de São Paulo. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.35, p.1-33, 2019.

GAMBETA, Wilson Roberto. “Desacumular a pobreza”: Santos, limiar do século. **Espaço & Debates**. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo, v.4, n.11, p.17-27, 1984.

HELLER, Geneviève. La cure intensive d’hygiène en Suisse. In.: CHÂTELET, Anne-Marie; LERCH, Dominique; LUC, Jean-Noël. **L’école de plein air**: une expérience pédagogique et architecturale dans l’Europe du XXè siècle. Paris: Recherches, 2003, p.211-221.

HONORATO, Cesar. **O polvo e o porto**: a Cia. Docas de Santos (1888-1914). São Paulo: Hucitec, 1996.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: a educação no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1944.

LANNA, Ana Lucia Duarte. **Uma cidade em transição** – Santos: 1870-1913. Santos: Hucitec, 1996.

LENOBLE, Robert. **Histoire de l’idée de Nature**. Paris: Albin Michel, 1969.

LOPES, Betralda. **O Porto de Santos e a febre amarela**. Dissertação (Mestrado em História), FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1974.

MATOS, Maria Izilda Santos de; CARMO, Bruno Bortoloto do. Do porto febril à cidade saneada: ações, representações e narrativas – Santos (1860-1930). In.: FARIA, Luiz Henrique Portela; PEREIRA, Maria Aparecida Franco (Orgs.). **Santos na modernidade capitalista (1870-1930)**: novas abordagens e releituras de velhas fontes. São Paulo: e-Manuscrito, 2019, p.1-89.

MELLO, Gisele Homem de. Estruturação e expansão do espaço urbano de Santos: aspectos da modernização, da intervenção urbana e da sociabilidade. In.: FARIA, Luiz Henrique Portela; PEREIRA, Maria Aparecida Franco (Orgs.). **Santos na modernidade capitalista (1870-1930)**: novas abordagens e releituras de velhas fontes. São Paulo: e-Manuscrito, 2019, p.1-63.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. **Santos, café e história**. Santos: Leopoldianum, 1995.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHOSSLER, Joana Carolina. **História do veraneio no Rio Grande do Sul**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

SOARES, Carmen Lúcia. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). In.: SOARES, Carmen Lucia. (org.) **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016, p.09-45.

TERRA, Vinícius Demarchi Silva. A invenção da praia de Santos (1880-1940). In.: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TORRES, Iraildes Caldas. **As primeiras-damas e a assistência social**: relações de gênero e poder. São Paulo: Cortez, 2002.

URBAIN, Jean-Didier. **Sur la plage**. Paris: Payot, 1994.

VILLARET, Sylvain. **Histoire du naturisme en France depuis le siècle des lumières**. Paris: Vuibert, 2005.

VILLARET, Sylvain. Naturismo e educação corporal (fim do século XIX e início do século XX: uma “natureza” em movimento. In.: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas: Autores Associados, 2016, p.69-89.

Fontes:

1º. CONGRESSO Inter-Collegial de Educação Physica. **Correio Paulistano**, São Paulo, 22 maio 1940, p. 11.

DOIN, Atagy Hermínio de Melo. Colônias de férias e colônias educacionais. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n.78, p.18-22, abr. 1944.

A HOMENAGEM do Rotary Clube à Portugal. **Diário Nacional**, São Paulo, 06 out.1928, p. 2.
ALMOÇO na Colônia de Férias “Dr. Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 27 jan. 1940, p. 1.

BARROS, Maria José Mondego de Moraes. Escolas ao ar livre, parques infantis e colônias de férias no desenvolvimento integral da criança. In.: CONGRESSO NACIONAL DE SAÚDE ESCOLAR, 1941. **Anais...** São Paulo, 1941, p. 832.

COLONIA Marítima Infantil: a sua próxima inauguração. **Correio Paulistano**, São Paulo, 26 nov. 1939a, p. 5.

COLONIA Marítima Infantil. **Correio Paulistano**, São Paulo, 28 nov. 1939b, p. 4.

COLONIA Marítima Infantil “Doutor Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 22 dez. 1939c, p. 3.

COLONIA Marítima Infantil “Álvaro Guião”: uma iniciativa feliz. **Correio Paulistano**, São Paulo, 15 mar. 1940a, p. 2.

COLONIA Marítima Infantil “Álvaro Guião”: visitas de crianças do Parque Infantil de Campinas. **Correio Paulistano**, São Paulo, 6 abr. 1940b, p. 7.

COLONIA Marítima Infantil “Álvaro Guião”. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, n.30, p. 18-19, set. 1946.

COMO SÃO tratados os escolares na Colônia Marítima Infantil “Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 14 set. 1944, p. 12.

CULTO à memória de Tiradentes: as cerimônias realizadas na Colônia Marítima Infantil “Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 abr. 1940, p. 12.

DEPARTAMENTO de Educação Física. **Relatório de 1942**. São Paulo, 1942.

DEPARTAMENTO de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo. **Relatório das atividades em 1954**. São Paulo, 1955.

DOIN, Atagy Herminio de Mello. Colônias de férias e colônias educacionais. **Educação Física**, Rio de Janeiro, v. 78, p. 18-22, abr. 1944.

EXCURSÃO de crianças campineiras. **Correio Paulistano**, São Paulo, 4 abr. 1940, p. 11.

FESTA da Paschoa na Colônia de Férias “Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 mar. 1940a, p. 12.

FESTA da Paschoa na Colônia Marítima Infantil “Dr. Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 27 mar. 1940b, capa.

FESTA Joanina na Colônia Marítima Infantil “Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 jun. 1940c, p. 14.

FESTA Joanina na Colônia Marítima “Dr. Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 25 jun. 1940d, p. 11.

HOMENAGEM do Sr. Interventor Federal à memória do Dr. Álvaro Guião. **Correio Paulistano**, São Paulo, 17 dez. 1939, p. 8.

INAUGURAÇÃO da Colônia Marítima Infantil do Miramar. **Correio Paulistano**, São Paulo, 02 dez. 1939, p. 4.

MENDES, Amadeu. Palestras educativas. **Educação**. São Paulo, v. 8, n. 3, p. 291-293, set. 1929.

NO GUARUJÁ. **Diário Nacional**, São Paulo, 25 ago.1928, p. 2.

PERÍODO para crianças do sexo feminino, filhas de praças do Exército, na Colônia Marítima Infantil “Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 7 fev. 1942, p. 9.

PREMIANDO acto honesto de um pequeno trabalhador: oferecimento da Exma. Sra. D. Leonor Mendes de Barros ao pequeno Geraldo. **Correio Paulistano**, São Paulo, 04 set. 1940, p. 3.

RIBEIRO, Ermida Vidal. Educação física infantil. In: CONGRESSO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1940. **Anais...** São Paulo, 1940, p.83-89.

REINÍCIO das atividades da Colônia Marítima Infantil “Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 4 set. 1943, p. 8.

SANTOS de antigamente: Cassino Recreio Miramar. **Novo Milênio**, 2016. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos024.htm>. Acesso em 10 dez. 2021.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto no 10.243**, 30 de maio de 1939. Dispõe sobre a educação física no estado, 1939.

SERVIÇO de Colônias Climáticas do D.E.F.E. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, fev. 1958, p.15

SESSÃO cinematographica oferecida aos componentes da colônia marítima de férias. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 jan. 1940, p. 5.

VIEIRA, Lellis. Pró infância! **Correio Paulistano**, São Paulo, 28 out. 1939a, p. 3.

VIEIRA, Lellis. Brasileiros de amanhã! **Correio Paulistano**, São Paulo, 28 out. 1939b, p. 3.

VISITA à Colônia Marítima “Dr. Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 jul. 1940a, p. 15.

VISITA dos membros do Congresso Nacional de Saúde Escolar. **Correio Paulistano**, São Paulo, 25 ago. 1940b, p. 11.

VISITA do dr. Adhemar de Barros à Colônia Infantil “Álvaro Guião”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 03 fev. 1940c, capa.

Recebido em: 02 de dezembro de 2021.

Aceito em: 16 de dezembro de 2021.